

# VIDA DEDICADA A CAMÕES

## Leodegário de Azevedo Filho transformou os estudos sobre o poeta português

Sonia N. Salomão

O desaparecimento, na madrugada do último domingo, do professor Leodegário de Azevedo Filho deixa uma grande lacuna nos estudos filológicos brasileiros, luso-brasileiros e internacionais. Durante quatro décadas, o ilustre camonista se dedicou à árdua tarefa cotidiana da crítica textual, voltando aos códices quinhentistas numa análise texto a texto, verso por verso, que resultou na edição crítica da lírica de Camões em 10 volumes (dos quais 6 já publicados pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda de Lisboa e alguns ainda incompletos) distintos pelo rigor e apuro que consagram os avanços nos estudos do poeta maior da língua portuguesa.

É complexa a história editorial das líricas, com junções e expurgos de textos ao longo dos séculos, num processo já iniciado com a edição príncipe na qual se discutia a questão da autoria, apenas quinze anos após a morte de Luís de Camões (*Rhythmas*, 1595). Os textos publicados em vida, além dos “*Lusíadas*” (1572), são outros três: a ode ao Conde do Redondo (1563), um soneto e uma elegia (os “*Tercetos*”), ambos dedicados a D. Leonis Pereira e publicados na primitiva versão da História da Província de Santa Cruz, de Pero Magalhães Gândavo (1576). As demais composições, como se sabe, ficaram dispersas nos chamados “cancioneiros de mão”, sendo depois recolhidas pela tradição impressa que incluiu textos apócrifos ao núcleo inicial.

Para desenvolver o seu método, Azevedo Filho escolhe a proposta de 1967 (interrompida no seu desenvolvimento pela morte precoce, um ano após, em 1968) do filólogo brasileiro Emanuel Pereira Filho, o qual estabelecia um cânone mínimo ou irredutível, constituído a partir de dados documentais, uma vez que não se encontraram até hoje textos autógrafos. À proposta de estabelecimento de um índice básico, não exatamente um índice canônico, pela total impossibilidade de se propor um cânone máximo, Azevedo Filho introduz algumas modificações como a do dúplice testemunho ao invés do tríplice de Pereira Filho que havia reduzido o corpus das líricas das quase 600 a que chegara a 65. Trata-se da consideração de dois testemunhos quinhentistas mais próximos do período de vida do poeta, “sem qualquer contestação autoral por ausência de qualquer recusa fundamentada pela crítica erudita”, elevando o corpus mínimo a 133.

### Reunião de mais de 20 fontes quinhentistas

No âmbito desse sistema, Azevedo Filho, reuniu mais de 20 fontes, ou seja, novos manuscritos quinhentistas de interesse para a lírica de Camões, em amostra representativa da tradição manuscrita da época, posteriormente confrontada com a tradição impressa erudita. E desenvolveu a segunda etapa do método, não realizada por Pereira

Filho, efetuando a análise interna entre os testemunhos da tradição manuscrita, considerando as formas linguísticas da época, o respeito do *usus scribendi* de Camões com base nos “Lusíadas”, resolvendo problemas de versificação e outras tantas questões técnicas. Afirma, em resumo, o princípio da flexibilidade, ou seja, da necessária revisão do índice mínimo em função da descoberta de novos testemunhos e do progresso metodológico e teórico da pesquisa de textos, falando, enfim, de outras possibilidades de inclusão no futuro.

Penso não ser necessário sublinhar o que representa tal trabalho, assim sinteticamente descrito. Não podemos também esquecer os estudos dedicados a Cecília Meireles, Fernando Pessoa, Bocage, Pero Meogo e Anchieta, além dos textos teóricos de crítica textual. Ao redigir esta memória, tenho presente a figura humana e intelectual, generosa, de Leodegário. E, talvez porque esteja no exterior, não posso deixar de pensar numa geração de grandes estudiosos, de Celso Cunha a Antônio Houaiss (e a Bechara, felizmente vivo e vivíssimo), para ficar com os filólogos, com os quais era possível estabelecer uma troca e obter um parecer crítico. Não posso deixar de pensar no que significa o quase total desaparecimento da filologia entre nós, liquidada como alguma coisa de ultrapassado, “ciência positivista” que deseja utopicamente chegar às “origens”, como repetido mecanicamente pelos primeiros arautos dos modismos estrangeiros que, justamente, por serem “modismos”, já passaram, esses, sim, ultrapassados.

### **Contra a apatia burocratizante da academia**

Não posso deixar de pensar, ainda, numa tradição de estudos histórico-filológicos com grande abertura para pesquisas comparativas, sempre incorporando o que de melhor se produziu a nível teórico internacional com inclusão de métodos e de estratégias num processo de recuperação e de análise de uma memória a ser construída, reconstruída e atualizada, numa linha que vem de João Ribeiro a Câmara Cascudo ou Sérgio Buarque de Holanda. Muitos deles, porém, não puderam criar uma tradição institucional sistematizada. Eram outros tempos. Pensando nestes grandes, é difícil aceitar que os nossos melhores escritores continuem ainda a serem editados com erros de todos os tipos, de Vieira a Machado de Assis, para ficar em dois pilares da prosa. Erros que levam a ridículas interpretações críticas, no caso de Vieira, e a traduções truncadas, no caso de Machado.

Talvez a comoção desta hora, provocada pela amizade, leve a uma espécie de exortação geral, a uma chamada às armas no combate à apatia burocratizante a que pode conduzir a vida acadêmica, não só no Brasil. Leodegário dela escapou no seu longo magistério na UERJ e na UFRJ. Assim, esta homenagem deseja seguramente afirmar um modelo de estudioso combativo, apaixonado e dedicado que navegou com a sua filologia por mares nunca dantes navegados.

---

**SÔNIA N. SALOMÃO** é crítica e ensaísta, professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira na *Sapienza*, Universidade de Roma. Organizadora de *Sermões italianos*, de Antônio Vieira, e autora de *Introduzione a Machado de Assis fra Itàlia e Brasile*. (*O Globo, caderno Prosa e Verso*, 5.2.2011, página 5)